

**EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Trad. S. Vieira e L. C. Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997, 204 págs.**

*Resenhado por: André Ricardo Nunes Martins*

Conceito chave nas ciências humanas, a ideologia sofreu, ao longo dos últimos duzentos anos, um processo dinâmico e incessante de atribuição de significados. Os desdobramentos no capitalismo industrial e a emergência do socialismo como alternativa tangível no contexto mundial no século XX popularizaram o termo que veio a extrapolar as fronteiras estritamente acadêmicas, alcançando o dia-a-dia das pessoas. A expressão passou a ser usada nos mais diversos contextos, expressando conteúdos como o de pensamento dominante que define o jeito de ser e de viver de uma pessoa ou grupo.

O colapso dos regimes comunistas no leste europeu e o esfacelamento da União Soviética em apenas dois anos causaram um impacto no contexto mundial de tal sorte que ganhou relevo o debate não restrito ao meio científico sobre mudança de uma era, fim da história e idéias do gênero. O fato é que as transformações de ordem sócio-política, econômica e tecnológica repercutiram no meio acadêmico, trazendo uma onda de novos estudos, exames e reexames das questões relacionadas ao poder, à política e à vida em sociedade. O livro de Terry Eagleton foi lançado no primeiro momento<sup>1</sup> das transformações mencionadas acima. O autor, professor da Universidade de Oxford, ganhou reputação como crítico marxista de cultura.

Tarefa densa, Eagleton passa em revista os principais conceitos do termo ideologia, não apenas explicitando-os, mas também argumentando e expondo as lacunas no pensamento dos formuladores. O livro compõe-se de uma breve introdução, seguida de sete capítulos em que apresenta e discute as acepções do termo e as propostas de entendimento. Ao final, o autor fornece indicações para uma leitura adicional e um alentado índice remissivo.

---

<sup>1</sup> O original em inglês apareceu em 1991, publicação da editora Verso. A tradução brasileira veio à luz seis anos mais tarde.

## RELEVÂNCIA EM DIA

Já na introdução, Eagleton aponta o paradoxo entre o recrudescimento de movimentos ideológicos – entre os quais o fundamentalismo religioso e o nacionalismo revolucionário – e o abandono da noção de ideologia em muitos círculos acadêmicos. Argumenta então que na origem do descrédito do conceito estariam três doutrinas que traduzem a essência do que se convencionou chamar pós-modernismo ou modernidade tardia. A primeira delas tem a ver com a rejeição da noção de representação, ou seja, a crítica a um modelo empírico de representação. A segunda doutrina é a do ceticismo epistemológico, pelo qual o ato mesmo de identificar um pensamento como ideológico implicaria certa noção indefensável de verdade absoluta. A terceira é a da reformulação das relações entre racionalidade, interesses e poder, sob um enfoque nietzschiano que, segundo se alega, torna redundante o conceito de ideologia.

No Capítulo 1, o autor vai, de início, definir não o conceito, mas sua constituição: “A palavra ‘ideologia’ é, por assim dizer, um *texto* [grifo original], tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linhagens a reunir-se em alguma Grande Teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado” (*id.*: 15). Lista, em seguida, dezesseis definições de ideologia em voga. Passa, então, a discutir algumas das formulações e propõe, ao final, seis maneiras diferentes de definir a ideologia, de “processo material geral de produção de idéias, crenças e valores na vida social”(*id.*: 38) até a ênfase nas crenças falsas ou ilusórias oriundas da estrutura material do conjunto da sociedade.

## UM SÓ CONCEITO, VÁRIAS ABORDAGENS

No Capítulo 2, Eagleton debate o funcionamento prático da ideologia como pensamento que está na origem dos movimentos políticos e que dá coesão à sociedade. Trata, assim, das estratégias discursivas. Apresenta, então, uma série de formulações sobre a expressão e sua importância no

contexto social. Discute vários autores, entre os quais Abercrombie, Hill, Turner, Baudrillard, Geuss, Gramsci, Marcuse, Habermas, Williams, Voloshinov e Bourdieu, a maioria dos quais é reapresentada nos capítulos seguintes. O autor toma posição. Para ele, “estudar uma formação ideológica é, portanto, entre outras coisas, examinar o complexo conjunto de ligações ou mediações entre seus níveis mais e menos articulados” (*id.*: 55). Aí também ele discute a influência de alguns conceitos como o de *habitus* e o de racionalização sobre a compreensão do termo ideologia.

O Capítulo 3 traz um pouco da gênese da expressão ideologia. Explicita as origens iluministas do termo, dedicando-se brevemente à vida e obra de Antoine Destutt de Tracy e sua relação com Napoleão. Foi uma crítica deste a De Tracy e sua escola que notabilizou o termo ideologia no ano de 1812. De Tracy, aliás, antecipa Marx ao propor a idéia de que “os interesses econômicos eram os determinantes finais da vida social” (*id.*: 69). Após discutir aspectos da proposta de Marx e Engels, o autor aponta em *A ideologia alemã* uma hesitação entre uma definição política e uma definição epistemológica do termo. Em seguida, trata da influência do movimento da Segunda Internacional que, mesmo retendo a noção de ‘falsa consciência’, provoca outro desdobramento do conceito quando se passa a falar numa ‘ideologia socialista’.

### **ARMADILHAS E ESPECIFICIDADES DE UM CONCEITO EM MUTAÇÃO**

Do Capítulo 4 ao Capítulo 6, Eagleton discute, com mais vagar, as formulações de Lukács, Gramsci, Adorno, Bourdieu, Schopenhauer e Sorel. O autor critica, em Lukács, a tendência a “uma mistura perversa de economismo e idealismo.” A Gramsci credita a transição crucial de ideologia como “sistema de idéias” para o conceito de “prática social vivida, habitual,” mas aponta também problemas como os critérios de verdade.

Em Adorno, o autor nota a perspectiva de ideologia como “uma forma de ‘pensamento de identidade’, cujo oposto não seria a verdade ou a teoria, “mas a diferença ou a heterogeneidade.” Antes de examinar a formulação de Bourdieu, o autor volta-se detidamente para as contribuições de Habermas, Althusser e Lacan. Discute conceitos como a verdade

dos enunciados, o papel do imaginário e o ego lacaniano. Em Bourdieu, detém-se sobre o exame dos mecanismos por meio dos quais a ideologia toma conta da vida cotidiana. Também analisa conceitos como ‘habitus’ e ‘campo’ e divisa uma semelhança entre o conceito de Bourdieu de ‘violência simbólica’ e o de Gramsci de ‘hegemonia’.

O autor busca em Schopenhauer a idéia de vontade cega, voraz, de ânsia implacável que estaria “no âmago de todos os fenômenos.” Ele também nota uma similitude entre Schopenhauer e Freud. O que para o primeiro é “a vontade, o local radicalmente alheio à razão” para o último seria o inconsciente. De Sorel, extrai seu pensamento de que as idéias políticas não sejam mais avaliadas como cientificamente corretas ou errôneas e sim vistas como “princípios organizadores vitais.” Para Eagleton, Sorel ‘esteticiza’ o processo da revolução socialista.

Finalmente, o autor vai analisar a relação entre discurso e ideologia. Começando em Voloshinov, discute as propostas de Pêcheux, Barthes e outros. Eagleton elogia, em Hindess e Hirst, a ênfase que deram a interesses políticos não necessariamente ligados a situações de classe, embora perceba neles um certa politização em excesso.

O autor é modesto em seu propósito: “esclarecer um pouco da confusa história conceitual da noção de ideologia” (*id.*: 12) e também ensinar “uma intervenção política nessas questões mais amplas e, portanto, como um revide político a essa última traição dos intelectuais” (*idem*). Tem êxito nas duas tarefas.

Pesa a seu favor não apenas identificar e analisar as acepções do termo em cada um dos autores comentados, mas criticá-las, apontando fragilidades e inconsistências de cada desenvolvimento. Outro aspecto relevante é que ao entregar-se a esse trabalho, o autor resgata para o prosclínio da vida pública um termo essencial na compreensão dos fenômenos atinentes a essa esfera.

Na conclusão sucinta, Terry Eagleton reitera sua crítica à visão racionalista das ideologias. Nota que quando se fala na relação entre ideologia e falsidade, esta pode ser de três tipos: epistêmica, funcional ou genérica. O autor tanto deixa em aberto possibilidades de novos estudos sobre os caminhos da ideologia como reconhece o valor das questões de ordem prática.

Um dos caminhos a se investigar mais é a relação com o discurso. Nesse ponto, ele afirma que: “a ideologia é antes uma questão de ‘discurso’ que de ‘linguagem’ – mais uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significação como tal” (*id.*: 194). Quanto aos efeitos no dia-a-dia das pessoas submetidas a regimes de exploração e dominação, o autor, embora identifique nas ideologias de oposição o emprego de dispositivos tais como a naturalização, a ilusão, a auto-ilusão e a racionalização, mostra que uma teoria da ideologia terá valor na medida em que venha a “auxiliar no esclarecimento dos processos pelos quais pode ser efetuada tal libertação diante de crenças letais” (*id.*: 195).

Do começo ao fim, o livro de Eagleton reforça a idéia de que se efetivamente as ideologias não morreram, o estudo de seus mecanismos de funcionamento e conseqüências na vida em sociedade não pode ser abandonado sob pretexto algum. Quem o faz está sujeito a deparar com acontecimentos surpreendentes nas esquinas da história.